

AVALIAÇÃO: REFLEXÃO E PRÁTICA

EVALUATION: REFLECTION AND PRACTICE

Marta Leardini GONZAGA¹
Vera Lúcia de Carvalho MACHADO²
Maria Eugênia CASTANHO³

RESUMO

O objetivo do texto é refletir sobre o tema da avaliação, dada sua importância e relevância no processo de ensino e aprendizagem. Em primeiro lugar, é traçado um histórico do cenário mundial, a partir do qual se percebe a influência dos países capitalistas nas políticas educacionais de todo o mundo, sobretudo no que concerne à avaliação dos processos e projetos educacionais. Subjugada à lógica de mercado desses países, a escola enfrenta crises das mais diversas, visto que perde sua essência. Em seguida, são discutidas as crenças com relação à avaliação em si: seu caráter formativo e sua eficácia e significação. É esboçado o planejamento e a avaliação de uma ação efetivamente educativa. Fez-se necessário, então, definir a idéia de currículo. Para tanto, foi buscado o conceito de Miguel Zabala, o qual afirma que, por meio do currículo, a escola deve buscar sua própria identidade, de maneira a responder às exigências ou demandas do grupo social a que atende. O texto encerra apontando a necessidade de continuar aprofundando o estudo das questões de ensino, aprendizagem e avaliação.

Palavras-chave: Avaliação; Currículo; Planejamento.

ABSTRACT

The objective of the text is to reflect on the idea of evaluation, given its importance and relevance in the teaching/learning process of education. First of all, a history of the world scenario is drawn showing the influence of capitalistic countries on worldwide educational policy, especially in what concerns the evaluation of educational processes and projects. Subjugated to the market logic of these countries, the school faces diverse crises to the extent of losing its essence. There follows a discussion of beliefs in relation to evaluation itself: its formative character, efficacy and significance. Planning

¹ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC-Campinas. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/ Correspondence to: E-mail: <martaleardini@ig.com.br>.

² Diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Docente, Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC-Campinas. Campinas, SP, Brasil. E-mail: <veramachado07@terra.com.br>.

³ Docente, Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC-Campinas. Campinas, SP, Brasil. E-mail: <meu@dglnet.com.br>.

and effective educational action are outlined. It is then necessary to define the idea of curriculum. For this purpose the concept of Miguel Zabala is brought in, which affirms that by means of the curriculum the school ought to look for its proper identity in a way that corresponds to exigencies or demands of the social group to which it serves. The text concludes by pointing out the need for continuing a deeper study of the questions of teaching, learning and evaluation.

Keywords: *Evaluation; Curriculum; Planning.*

INTRODUÇÃO

O homem como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. (Paulo Freire)

Percebemos que, nas duas últimas décadas, uma das preocupações centrais da agenda política com relação às mudanças em Educação tem sido a Avaliação. Sendo assim, muitos autores, nacionais ou internacionais, têm falado da necessidade de se construir uma visão do “ato de avaliar”, fundamentada em “aprender para competências”.

Almerindo Afonso (2000) distingue entre Modernidade e Pós-Modernidade. A Modernidade é o período histórico que muda os ideais de democracia e que traz uma nova maneira de produzir os bens materiais. Surge, por meio de um longo processo, o modo capitalista, com a promessa de que a escola será para todos e que dará conta de interpretar todas essas mudanças. Segundo o autor, estamos num período de transição, ou seja, a Pós-Modernidade, que veio para reinventar essas mudanças. Advém a globalização ou mundialização, período de aceleração do tempo e do espaço, fragilização dos poderes do Estado nacional, dominância da influência das organizações mundiais, crise nas políticas educacionais, tornando-as mais contraditórias, crise dos projetos coletivos, ou seja, a hipervalorização dos projetos individuais.

A agenda educacional que se expande pela via da globalização é fortemente influenciada

pelos países capitalistas mais avançados (como os EUA e a Inglaterra), e muitas das orientações presentes nas políticas educacionais e nas políticas de avaliação, no Brasil, só podem ser bem compreendidas, se antes tivermos conhecimento do que se passa naqueles mesmos países capitalistas centrais. Estamos assistindo a uma crescente produção de orientações, com origem em diferentes agências internacionais e supranacionais que valorizam a utilização de provas e testes padronizados e comparativos a partir dos quais se pretende induzir um controle mais apertado sobre a ação das escolas e dos professores, e, em última instância, se pretende igualmente pressionar os sistemas educativos para se subordinarem às lógicas próprias do mercado e da competitividade econômica.

É nesse contexto de crescente pressão que se acentua, a “crise da escola”. Faz-se necessário um “reinventar a escola”. Um saber lidar com as diferenças, não esquecendo que haverá qualidade na educação, se a escola for científica, pedagógica e democrática.

Para Almerindo Afonso, a avaliação tem um papel central no processo de ensino e aprendizagem. Ela tem um conjunto de dimensões e conseqüências que precisam ser conhecidas e dominadas pelo educador. Sendo assim, o professor é um intelectual transformador e deve estar sempre questionando sobre o que fazer com aquilo que ensina.

Há uma crença errada com relação à avaliação. Diz-se que a avaliação somativa é mais objetiva e a avaliação formativa é mais

subjetiva. Nenhuma modalidade teórica é só objetiva ou subjetiva. A avaliação cumpre objetivos, explícitos e implícitos. A questão é descobrir que modalidade cumpre melhor o objetivo da avaliação, ou seja, que avaliação é mais eficaz para conhecer o que o aluno sabe.

Avaliação formativa

No campo de estudo em análise, fala-se da avaliação formativa, que deve apoiar o aluno em todos os aspectos, a fim de proporcionar ao professor um feedback constante. Para isso, faz-se necessário ter um ambiente de confiança entre professor e aluno, pois só haverá ajuda se houver queixa. Por exemplo, o aluno conseguir chegar até o professor para dizer que não fez a tarefa de casa, porque não soube fazer, e, conseqüentemente, o professor saber agir fazendo a intervenção necessária.

Almerindo Afonso faz alguns alertas com relação à avaliação formativa:

- Se a avaliação formativa é para ajudar o professor a conhecer o aluno, ela não pode exercer outra função, como, por exemplo, fazer com que o governo saiba como anda a educação.
- A avaliação formativa dá mais trabalho, pois implica registro sistemático do aluno e professor.
- É possível aplicar testes para usar em avaliação formativa. Qualquer instrumento pode ajudar nesse tipo de avaliação, desde que seja fidedigno.
- Não colocar perguntas difíceis em primeiro lugar, pois pode neutralizar a auto-estima do aluno.
- A diferença entre a avaliação formativa e somativa não está nos instrumentos, mas nos objetivos que estão em discussão.
- Deve haver uma relação de justiça no ato de avaliar.
- Pensar sempre que o aluno está na escola para aprender. Havendo aprendizagem,

não há necessidade da reprovação. Porém o aluno não deverá passar para a série seguinte se não houve aprendizagem, de acordo com os objetivos propostos.

- *Educar* é intervir no desenvolvimento do outro para redirecioná-lo no sentido almejado. *Ensinar* é ajudar o aluno a se apropriar das ferramentas cognitivas, próprias de um campo disciplinar. *Formar* é acompanhar a construção de processos mentais significativos.

Avaliação e condições para um trabalho conseqüente

Charles Hadji (2001) também aponta que a educação é uma urgência, tanto para a sociedade como para os indivíduos que a compõem. Atualmente muitos pais e professores sentem-se desamparados, não sabendo mais o que quer dizer educar, nem como colocar em prática uma ação educativa rigorosa, pois esta, como qualquer ação, desenvolve-se entre o real e o ideal. Mas é possível dotar-se de um contexto que permita agir de maneira sensata e coerente, capaz de conduzir realmente a ação, partindo-se de três condições:

Inserir a ação em um procedimento de projeto

Apesar de o conceito de projeto ainda ser vago, pode ser colocado em prática, organizado em três grandes tarefas, que são:

- Análise do contexto existente.
- Especificação das metas e objetivos.
- Explicitação do projeto de ação propriamente dito.

A descrição precisa da dinâmica do projeto mostrará como, ao mesmo tempo, tudo se organiza em torno dessas três tarefas, e como a questão da avaliação se coloca a partir da fase de concepção do projeto, e não do produto final.

Portanto a definição de um projeto, de uma política, do planejamento, do processo

pedagógico, das atividades de regulação faz-se necessária para inserir concretamente a ação em um procedimento de projeto.

Saber o que se quer fazer (onde e como se quer chegar).

A construção de um projeto educativo exige certos procedimentos:

- A especificação das finalidades e das metas. As orientações possíveis da ação educativa são: educar no sentido exato, ensinar e formar.

- A explicitação dos objetos visados. Cada orientação dominante privilegia um tipo de “objeto”, ou seja, valores, saberes e competências. A identificação precisa dos “objetos” visados é uma dupla necessidade do ponto de vista da ação e de sua avaliação. Dá-se uma ênfase à questão dos valores, estabelecendo regras fundamentais para uma educação orientada para a ética.

- A escolha dos sujeitos privilegiados. A família, a escola e os grupos dos quais fazem parte os alunos podem contribuir, cada um ao seu modo, para uma educação orientada para a ética, ou contrária a ela.

- A definição dos meios de ação adequados. Pontua-se uma ação de construção do conhecimento e não de transmissão. Entretanto faz-se necessária, a mediação do professor nesse processo, a fim de que aconteça numa relação dialógica e educativa.

Dotar-se de referenciais para avaliar o êxito da ação.

Deve-se pensar o quê e para quê se avalia e sempre lembrar que as questões são mais importantes do que as respostas. Os três saberes necessários para avaliar a própria ação são: saber o que é o real, saber aonde se quer chegar (o ideal) e saber como atingir o objetivo (a ação).

O professor educador é um mediador - que acompanha muito mais do que transmite -, é contra o imperialismo do saber, é contra o modelo de transmissão, parte do que o aluno sabe e a ele retorna, diz não ao comportamento agressivo do aluno - mas também ao dele -, e se preocupa em dotar-se de um programa de ação coerente e formativo.

O currículo

Miguel Zabalza (2000) considera que a palavra currículo ou a idéia que está por trás dele não precisa ser uma moda ou um modismo, isto é, apenas mais uma palavra incorporada ao mundo da pedagogia. Sendo apenas isso, acaba perdendo muitas vezes a capacidade de transformação que essas palavras e idéias têm para o contexto educacional. No Brasil, assim como na Espanha, a idéia de currículo é muito moderna. Por volta de 25 anos atrás, entendia-se currículo como quadro de disciplinas e não como o conjunto das práticas escolares.

Segundo o autor, há aspectos importantes para que se entenda a que se refere a idéia de currículo. Pode-se chamar de currículo um projeto de formação ou projeto atualizado ou integrado. O Projeto Educativo é uma peça básica na escola, pois nele se definem as idéias centrais que servirão de eixo condutor das intervenções de cada um dos professores. Por meio do Projeto Educativo, cada instituição escolar define sua orientação formativa e vai construindo seu estilo próprio. Trata-se de um estilo próprio que não ensina só as sínteses adaptativas dos componentes básicos dos programas oficiais, mas aquelas constatações que se estabelecem a partir das análises de situações do contexto em que a instituição está inserida (necessidades, prioridades formativas, recursos, histórias, características, etc.).

Outro ponto importante, para o autor, é que as escolas não devem fechar-se em si mesmas, ou seja, cercar-se com seus muros, achando que o que acontece ou se faz na escola nada tem a ver com os acontecimentos fora dela.

As melhores escolas de hoje são abertas, isto é, compartilham seus projetos com o meio social. Hoje em dia, não é possível fazer a formação profissional dos jovens sem as empresas onde farão os estágios. As escolas podem dar uma parte da formação, mas a outra é construída na prática, nos estágios.

Quando a escola faz seu projeto, deve contar com o apoio de museus, bibliotecas, igrejas, etc., ou seja, o contexto social no qual se movimenta. É um conjunto de circunstâncias que possibilitam otimizar o processo de formação que a escola quer desenvolver, enriquecendo seus recursos e os da comunidade. Cada vez mais fica claro que a escola necessita da cooperação, do apoio e da participação da sociedade no processo de construção do conhecimento. Portanto, quando a escola é muito “fechada”, acaba reduzindo a sua possibilidade de contribuição para a formação das crianças e adolescentes, tornando contraditórios os objetivos por ela assumidos.

Apontar tal aspecto do currículo significa dizer que a escola deve buscar sua própria identidade. Porém deve buscar essa identidade da maneira que responda às exigências ou demandas do grupo social que atende. Pensando assim, uma escola com professores que só trabalham com livros didáticos não constrói saberes com seus alunos, pois os textos muitas vezes não podem ser adaptados à realidade da escola. Esse aspecto gera polêmica, pois as editoras, quando fazem seus livros didáticos, fazem para o país todo, e não pensam numa escola “em si”, em seu contexto, em seu currículo. O professor há de ter a capacidade de construir, ou seja, de adaptar os conteúdos de sua disciplina às circunstâncias nas quais está trabalhando e os elementos que contribuem para tal contexto.

Trabalhar currículo é trabalhar coordenadamente. Sendo assim, é um desafio aos professores, pois o trabalho será de todos na escola. Faz-se necessário desenvolver um planejamento onde escola, pais, comunidade

contribuam no processo de construção de um projeto formativo. Os professores hão de mudar seus pensamentos. Ao invés de pensar que as coisas não funcionam por causa da administração, do governo, da sociedade, devem pensar, sem perder de vista a visão estrutural, no que podem fazer para melhorar suas práticas, a fim de construir um projeto pedagógico que venha ao encontro das necessidades e exigências de sua clientela escolar. Fazer o historicamente possível.

Segundo Zabalza, muitos aspectos interessantes da didática estão vinculados à tomada de decisão. Pode-se avaliar por vários motivos. O bom da avaliação é o que vem na seqüência dela, pois se têm visões dos processos que se abrem a partir do resultado da avaliação. Isso contrasta com a visão corrente de que a avaliação é o processo final de um trabalho de pesquisa ou de recuperação.

A avaliação é o início e a partir daí os professores podem incorporar novos elementos ao processo educativo. A avaliação deve ser um instrumento a serviço da qualidade na educação e não uma peça que aparece isolada ou uma iniciativa que não se sabe de onde veio. Quando a avaliação aparece isoladamente de outros elementos do processo curricular, será uma avaliação que não tem condições de fazer uma contribuição importante. Mas quando faz parte da estrutura curricular, acaba desempenhando a função de informar como as coisas estão acontecendo, possibilitando mudanças, se for necessário. A avaliação deve também ser um instrumento de conhecimento dos alunos.

As escolas também deveriam apresentar a avaliação técnica, isto é, dispor de profissionais que atuam na avaliação física e psicológica das crianças, pois muito ajudariam no processo de qualidade educativa.

Zabalza (1998) também fala da avaliação das crianças da educação infantil. Como muitos professores já estão satisfeitos com seu trabalho, tornam-se menos críticos, achando que a avaliação não se faz necessária nessa fase da educação, e, portanto, passam a observar e conhecer seus alunos de maneira insatisfatória.

Avaliação: termômetro ou acerto de contas?

A avaliação constitui uma das competências básicas da profissão docente. Tem muito a ver com a qualidade da educação. Não uma qualidade baseada somente em resultados, mas sim em valores éticos e morais construídos por todos os envolvidos no processo.

Pelas idéias expendidas, podemos verificar que há preocupação em construir um projeto educativo voltado para a construção do conhecimento e não simplesmente uma transmissão de informações. O ato de avaliar deve ser o ponto de partida para a análise e intervenção do professor e não um mero instrumento que permitirá medir o produto final conseguido por seus alunos.

No Brasil reflete-se muito sobre a questão. Muitos autores enfatizam a capacidade de construir saberes, de desenvolver uma didática significativa, a qual permite uma reflexão em nossa prática pedagógica, despertando o desejo de realizar mudanças e melhorias no processo de ensino e aprendizagem. No Fórum Internacional de Educação da Bahia (2004), chamou a atenção o educador Vasco Moretto, de Brasília.

Vasco Moretto (2002) mostra em seu trabalho, “Prova: um momento privilegiado de estudo ou um acerto de contas?”, que é possível ressignificar o processo avaliativo dentro de uma nova perspectiva pedagógica. Para se chegar a essa ressignificação, faz-se necessário construir o conceito de “como operacionalizar uma aula com sucesso”. Para o autor, avaliar a aprendizagem está profundamente relacionado com o processo do ensino, portanto o procedimento deve ser conduzido como mais um momento em que o aluno aprende. Deve-se tomar o cuidado de não transformar as provas na “hora do acerto de contas”, pois, agindo assim, os alunos passarão a ter desinteresse pelas

aulas, haverá indisciplina, falta de estudo e alienação escolar.

Pensando no processo de ensino e aprendizagem, Moretto (2003) destaca que o “aprender é construir significados e ensinar é oportunizar essa construção”. O autor discorre sobre dois pilares importantes neste processo⁴:

A - O primeiro pilar são os “Fundamentos Psicossociais”. O autor questiona como o professor vê seu aluno, apontando quatro passos:

1° passo: **Indivíduo** – *in* (negação), *dividuo* (divisível) = indivisível. Todo professor deve ter cuidado com esse termo, ao dirigir-se a seu aluno.

2° passo: **Sujeito** – Todo indivíduo transforma-se em sujeito. A partir do nascimento, todo indivíduo passa a ter uma história individual e grupal. Sendo assim, cada aluno tem sua história, portanto é sujeito único.

3° passo: **Pessoa** – pessoa vem da palavra “persona” que significa máscara. Pessoa então, significa a máscara com que cada um de nós se apresenta. Relembrando, nascemos indivíduo, imediatamente passamos a ser sujeitos, pela nossa história e com o decorrer do tempo vamos construindo-nos pessoas. Cada pessoa tem sua personalidade. Faz-se necessário que os professores tomem conhecimento dos diferentes tipos de personalidades, para poder conhecer melhor seus alunos e saber como lidar com eles. Alguns traços de personalidades citados pelo autor:

1° traço: Como energizamos a interação com o mundo.

- introvertidos
- extrovertidos

2° traço: Tipo de informação que naturalmente percebemos, lembramos, enfatizamos.

⁴ Anotações transcritas da palestra ministrada pelo autor Vasco Pedro Moretto na 4ª Jornada Internacional de Educação da Bahia, 2004.

- sensoriais

- intuitivos

3º traço: Como tomamos decisões para a ação.

- pensadores

- sentimentais

4º traço: Como organizamos o nosso mundo.

- julgadores

- perceptivos

A personalidade é do sujeito, portanto é individual e pessoal.

4º passo: **Cidadão** – Cidadania é um produto do nosso comprometimento social e de nossa ação consciente e transformadora da realidade em que vivemos. Portanto cidadão é a pessoa que tem um compromisso social. A escola comunidade, não coletividade, é um ambiente privilegiado para a formação da cidadania.

B - O segundo pilar são os “Fundamentos Epistemológicos”. Epistemologia é a teoria do conhecimento. E na relação professor aluno, o que isso implica?

Dependendo de como o professor interpreta o que é conhecimento, ele irá trabalhar o epistêmico com seu aluno, conseqüentemente sua avaliação também dependerá da construção de seu conhecimento.

Conhecimento não é descrição, mas interpretação. Então, como tratamos o conhecimento? Vejamos algumas definições:

- **Dado:** é um signo ou um conjunto de signos com significados diversos, dependendo do contexto. Os dados podem ser diferentes, dependendo do local. Ex: SP, caminhão, amarela, placa, 3845.

- **Informação:** conjunto de dados organizados em sentenças com significados lógicos. Ex: O caminhão de placa amarela JW 3845, é de SP.

- **Conhecimento:** conjunto de informações de que o sujeito se apropria. Ex: processo de assimilação e acomodação, segundo Piaget. No entanto muitas informações não se transformam em conhecimento, pois os alunos apenas as interiorizam e as guardam para serem reproduzidas nas provas, portanto não se transformam em conhecimentos. Todo conhecimento é individual. Cada um constrói o seu conhecimento. O sujeito pega as informações e insere-as em suas estruturas cognitivas, que já estão construídas, pois são frutos de sua história. Como as histórias são diferentes, os sujeitos são diferentes e os conhecimentos também diferentes.

- **Saber:** conjunto de conhecimentos que vários sujeitos consentem, resultantes de uma elaboração intersubjetiva. O saber nunca é de um sujeito, mas de um grupo social.

Segundo Moretto (2002), a aula é o reflexo da epistemologia do professor, conseqüentemente a prova é o reflexo de sua aula. Basicamente, podemos considerar a Epistemologia Positivista e a Construtivista.

Aprender é construir significados. Se o aluno não construir significados, sua aprendizagem será “mecânica”. O aluno aprende na medida em que interage com o saber socialmente construído. O professor é o mediador e o catalisador do processo da aprendizagem.

Ensinar é oportunizar a construção do conhecimento. O professor não só transmite conhecimento, mas também dá oportunidade para a construção e quem constrói é o sujeito cognoscente. A competência do professor ao ensinar deve respeitar as características psicossociais e cognitivas do aluno. Por exemplo, um aluno de sete anos não tem estruturas cognitivas que lhe permitem aprender a tabuada significativamente. No entanto a escola insiste em colocar o aluno para aprender, ou seja, ele tem que decorar, pois a operação matemática da tabuada é abstrata.

A apropriação do conhecimento ocorre num processo construtivo, sóciointeracionista. O aluno constrói suas representações. Ele interage com os elementos de seu grupo social, com o saber socialmente construído, com as experiências. O ponto de partida é o aluno, suas concepções prévias. O que o aluno já sabe há de ser sempre o primeiro ponto que o professor vai buscar. Depois ele leva o aluno para a concepção escolar, diz ao aluno o que é, em seguida o aluno volta para ressignificar as suas representações.

A expressão “avaliar a aprendizagem” tem um amplo sentido. A avaliação pode ser feita de diversas formas, com os mais variados instrumentos. O mais comum e característico de nossa cultura escolar é a prova escrita individual.

Moretto (2002) aponta que não se está levantando a bandeira de uma avaliação sem prova, mas já que se tem que fazê-las, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, verificando se houve a aprendizagem significativa de conteúdos relevantes propostos pelo professor. Vejamos algumas características encontradas nas provas classificadas como tradicionais. São elas:

- Exploração exagerada da memorização mecânica.
- A falta de parâmetros para a correção.
- Uso de palavras sem sentido preciso no contexto.

Outras características foram apontadas nas provas elaboradas dentro dos princípios da perspectiva Construtivista Sóciointeracionista. São elas:

- Contextualização do conteúdo.
- Utilização de parâmetros para a correção.
- Exploração da leitura e escrita.
- Proposição de questões operatórias e não apenas transcritórias.
- Utilização de linguagem coloquial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações no mundo estão acontecendo gradativamente e, conseqüentemente, o homem também está inserido nesse processo de busca e construção de novos valores, voltados para a valorização do relacionamento humano.

A escola também deve estar inserida nesse contexto, priorizando não só o conhecimento científico, mas enfatizando o afetivo. O aluno será conscientizado de que ele faz parte de uma sociedade e poderá contribuir positivamente para as mudanças que estarão ocorrendo.

Entendemos a escola não apenas como um centro transmissor de conteúdos, mas um espaço de cidadania, no qual os sujeitos envolvidos desenvolvem um olhar crítico acerca dos problemas sociais que afligem a comunidade a que pertencem.

Sabemos que muito se tem escrito e falado com relação à avaliação da aprendizagem. Mas as dúvidas continuam, os pontos de vista ampliam-se e as experiências se diversificam. O sistema escolar gira em torno desse processo e tanto professores, quanto alunos e pais se organizam em função dele. Precisamos estar continuamente estudando, debatendo e nos instrumentalizando para podermos compreender com segurança o papel da avaliação no processo de ensino e aprendizagem.

O educador consciente desenvolve seu trabalho conduzindo o aluno e os pais a um estado de clareza que lhes permita compreender a importância da aprendizagem, desvinculando-a de conceitos classificatórios, possibilitando a identificação de habilidades e competências.

Em sua prática o professor deve acompanhar o crescimento e a progressão de seu aluno, pois isso possibilitará a identificação das necessidades individuais e conseqüentemente o meio para atingir a superação. Deverá conscientizar o aluno de que esse é um trabalho de parceria imprescindível no processo de ensino e aprendizagem.

Na escola, as relações de conhecimento são intencionais e planejadas. Não podemos esquecer que a criança, o adolescente, o jovem e o adulto chegam à escola já dominando inúmeros conhecimentos e modos de funcionamento intelectual necessários à elaboração dos conhecimentos científicos sistematizados.

Sendo assim, realizam a reelaboração desses conhecimentos mediante o estabelecimento de uma nova relação cognitiva com o mundo e seu próprio pensamento.

Exigir que todos dominem um mesmo conteúdo, na mesma época e de maneira uniforme, é um ato injusto, pois sabemos que todos aprendem, porém isso se faz em ritmos diferentes. Sendo assim, acreditamos que a avaliação, por ser um processo que permeia todo o fazer pedagógico, deve ser:

- **Transparente** – disponibilizando a toda comunidade resultados que evidenciem o desempenho do aluno.
- **Formativa** – propiciando ao aluno uma reflexão constante sobre seu aproveitamento, bem como o desenvolvimento de capacidades para aplicar seus conhecimentos em situações cotidianas reais.
- **Integral** – observando valores e atitudes por meio da convivência cotidiana.
- **Democrática** – a elaboração dos critérios constitui-se em uma ação conjunta entre os membros da equipe escolar, sendo direito dos alunos conhecerem e discutirem sobre eles.

Paulo Freire (1921-1997) escreveu:

[...] Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela! Ora, é lógico... Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

Acreditamos que as idéias dessa citação se ligam à questão da avaliação do ensino e da aprendizagem de um modo muito mais profundo do que pode parecer. Afinal, as grandes finalidades da educação estão articuladas com um grande desejo de transformação da sociedade. E, para transformá-la, há que ter energias cotidianas que são forjadas na amizade, no convívio, nas relações amistosas entre educadores e educandos. Ao lado de tudo o que se requer do educador para um trabalho competente e significativo, não se pode prescindir de sua postura como uma *calorosa presença* na vida de seus alunos.

Por mais estruturais que sejam nossos problemas e por mais estruturais que sejam as soluções, no campo da educação se requer que os profissionais sejam cada vez melhores no ato de avaliar seus alunos. Aí está uma das chaves para decifrar o grande problema que é a educação brasileira.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. *Avaliação Educacional: regulação e emancipação, para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas*. São Paulo: Cortez, 2000.

HADJI, Charles. *Avaliação Desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MORETTO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZABALZA, Miguel Angel. *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA, 2000.

ZABALZA, Miguel Angel. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em 8/8/2008 e aceito para publicação em 9/10/2008.

